

PELA JOEIRA

O desinteresse

O deputado Sr. Costa Júnior está maguado e assombrado porque na Inglaterra ninguém acredita no desinteresse da intervenção portuguesa na guerra. Em vão este cándido patriota lhes afirmou, aos ingleses, com as lágrimas nos olhos, que Portugal entrou na contenda só para honrar os tratados e «assegurar o nosso império colonial»...

Mas... ¿isso chama-se agora «desinteresse»?

Pois nós supúnhamos que a conservação do «império colonial», com as relativas influências e vantagens, era um dos mais grossos pontos em litígio... Assim pensa também um imperialista francês, partidário duma «França maior», o Sr. Siger, o qual escrevia, em Janeiro de 1916, no *Mercure de France*:

«Estas ambições (da Alemanha) chocam naturalmente com os direitos e interesses adquiridos das outras potências, dos *beati possidentis*, e, é claro, da Inglaterra. O pan-germanismo excita o imperialismo inglês. Franceses, estorvados na sua penetração, chamada pacífica, de Marrocos; belgas, ameaçados no Congo pelas antenas do tratado franco-alemão de 4 de Novembro de 1911; ingleses, inquietos por Kiaotcheo diante de Wei-Hai-Wai, pela via férrea Homs-Bagodad, que alveja o Golfo Pérsico, e pelo território alemão da África Oriental, que corta a comunicação directa entre o Cabo e o Egipto; portugueses a quem se quer apropriar a sua Angola e o seu Moçambique... todos êsses antigos colonizadores tremem ante o apetite voraz dos que chegaram tarde para a partilha.»

Liberdade dos povos

Independência dos povos, direito dos mesmos a disporem de si, guerra pela

liberdade, pela democracia...

Isto, porém, não se aplica às colónias, ao «império de além-mar», ao «património colonial», cujos povos, ainda menores e incapazes de se governar, devem continuar sujeitos à autoridade paternal... que não tem pressa de os emancipar, nem de os habilitar a isso.

Os civilizados poderiam favorecer pacificamente, no interesse de todos, a evolução natural dos povos atrasados, mandando-lhes simplesmente instrumentos de trabalho, produtos, professores, lições, exemplos práticos, conhecimentos técnicos...

Mas parece que isso não pode ser. E vai daí a recente conferência socialista interaliada de Londres descobriu uma solução transitória, para as colónias da África tropical: — o seu agrupamento num só Estado africano «independente», administrado por uma comissão internacional, permanentemente neutralizado, e de porta aberta para o comércio e produtos de todos os países.

Contra este projecto, porém, protestou indignadamente a delegação portuguesa. ¿Em nome da democracia, do socialismo, da independência dos povos? Não, senhor! Foi para defender o que é «nosso», a «herança dos nossos maiores», a nossa propriedade...

Para regalo dos leitores e a título de curiosidade, havemos de reproduzir o que a respeito da exploração dum domínio colonial por parte dum pequeno povo sem recursos materiais pensava um jornalista agora muito estimado por cá — Gustavo Hervé. E então não estava em discussão o projecto de Londres: apenas se confrontava a posse de colónias por um grande Estado, poderoso e rico, com o domínio das mesmas por um pequeno país, fraco e pobre...

Êle há cada «socialista»!